

O ÚTIL, O INÚTIL E O MUNDO PELA TELEVISÃO

Ricardo Araújo

Modernidade/revolução *versus* moda/propaganda

Moderno e modernidade serviram para designar muitas coisas. Moda, moderno e modernidade, inclusive, se confundiram. Moda, moderno e modernidade pretendem abarcar um amplo aspecto da realidade. Em alguns casos, englobam o extenso leque significacional que há por detrás do termo real: modernidade, nesse sentido, seria uma época, um tempo, um momento do viver humano denotado por um suposto aspecto hodierno (= encarar as coisas atuais, principalmente tecnológicas, como ajustadas ao tempo presente), pela moda, pela publicidade e pela propaganda.

Modernidade, enfim, com letra maiúscula, seria uma Época – como a Idade Antiga, ou como a Roma Imperial, ou como o Império Bizantino, ou como as dinastias chinesas – ou uma Era, Napoleônica, por exemplo. Modernidade seria, então, tudo e toda a civilização universal que se inicia a partir de um determinado momento histórico, cronológico e se estende até não se sabe bem quando, pois entramos no campo do porvir.

Modernidade para Octavio Paz (*El laberinto de la soledad, Los hijos del limo*), por exemplo, estaria ajustada a um tempo cíclico, a uma espiral temporal, sendo, portanto, a síntese, o resultado do tempo dos tempos, a resolução de todos os tempos, de todas as épocas, de todas as idades, de todas as eras nesta era que se autodenomina – a única, aliás – moderna. Por exemplo, a divisão de Idade Antiga, Média e Moderna foi efetivada pelos ilustrados do século XVIII. Até então nenhum ser humano se autoqualificara como Antigo ou Médio. Moderno e modernidade padecem, portanto, de uma síndrome de Saturno (Cronos): tudo é devorado, assimilado, o pré, o agora e o pós.

Portanto, ao se pensar em Moderno, ou Idade Moderna, ou Modernidade, tem-se uma indagação – que logo se torna aporética: quando começa e quando acaba o moderno? O início do Moderno estaria marcado pela dupla revolução política (francesa) e econômica (inglesa)? Ou estaria determinado pelos poetas românticos alemães, ao quebrarem esteticamente os moldes clássicos? Ou estaria, ainda, demarcado pela utilização, pela primeira

vez, do termo moderno para designar um tipo de homem, como o fez Rousseau em seus devaneios de caminhante solitário? Ou o moderno estaria ligado, por outro lado, aos meios de comunicação que incrementaram as atividades informacionais humanas, pioneiramente com o jornal (Neste caso, Edgar Allan Poe foi o genial precursor porque utilizou o jornal para desenvolver postulados estéticos que foram batizados de modernos.) ou o moderno surgiu em uma proposta de ruptura radical com todos os procedimentos anteriores como ocorre em Rimbaud e mais precisamente em Mallarmé, em termos poéticos? Ou em Sade por motivar uma libido individual que estava reprimida nos sonhos inconscientes ou conscientes? Ou o moderno surge com as idéias socialistas de Saint-Simon, fonte da moderna Ciência que pretendia ser o escopo de todas as Ciências, o positivismo comtiano? Ou ainda o moderno seria simplesmente os avanços técnicos, neste caso Gutenberg com a imprensa – a nova galáxia proposta por McLuhan – ou as diversas invenções, como a máquina a vapor (James Watt), a descoberta das vacinas (Koch, Pasteur) ou ainda o surgimento de uma Ciência Econômica, Adam Smith com o seu liberalismo econômico e sua mão providencial, ou ainda de Ciências como a Psicanálise (em Dostoiévski no romance, em Freud como Ciência) ou a Semiótica de Peirce? Pode-se mesmo propor como início do moderno a revolta de Amenófis IV (o famoso Aquenaton), faraó que determinou o Novo Império egípcio.

O moderno é reivindicado por todos. A partir do mundo moderno... É assim que vários livros, teses, ensaios são introduzidos. Basta ler o início de muitos livros, prólogos, prefácios, para constatar que atualmente quase todos autores modernos começam suas propostas, seus discursos com frases de uma alotropia semântica flagrante. Eis algumas pérolas recolhidas em alguns livros: *esta descoberta trouxe uma visão moderna...*, ou *graças à revolução moderna ocorrida na sociedade nasceu a ciência...*

Uma imensidão galáctica de livros sobre *ciências modernas* iniciam suas proposições apoiadas em uma suposta Modernidade. Nesse sentido, *História do imaginário*, *História da vida privada*, *História dos costumes na Idade Média* e tantos outros títulos de teses doutorais que se tornam *best sellers* pululam nas faculdades e livrarias e indicam o contágio da moda, do Moderno ou da Modernidade nas pesquisas contemporâneas.

É, assim, que quase tudo nascido a partir do último século coloca como postulado básico para tal nascimento o mundo moderno. Radcliffe, Brown, Malinowski, Comte, Durkheim, Rimbaud, Mallarmé, Bacon, Descarte, Vico, Spinoza, até Chesterton, Swedenborg e tantos outros são colocados como fruto de um mundo moderno, quando não precursores de determinados aspectos da modernidade.

Parece que o Moderno, a Modernidade, não têm um começo definido e tampouco parece terem um limite. Tal é a confusão acerca desse termo que se tem falado, diante de um esvaziamento de significado com relação ao adjetivo moderno, de pós-modernidade e de pós-utópico. Como se se pudesse falar de

uma pós-Idade Média, de um pós-Idade Antiga. Esse vazio no significado *moderno* traz à tona uma reflexão mais profunda, uma reflexão de todo o tempo medido pelo homem. É talvez por causa disso que se evidencia, no mundo atual, uma espécie de síndrome do esvaziamento, que é produzido pela divisão pré-positivista da temporalidade em um conjunto trifásico composto por termos tão arbitrários quanto as próprias divisões, ou seja, Antiga, Média, Moderna. Essa divisão, tendo como pináculo, como cerebelo o Moderno, transfere para o plano da *formação social* humana (Marx) a mística em torno da tríade: mística que o marxismo e o positivismo incorporaram ao traçar um rumo retilíneo para a História.

Por outro lado, toda confusão criada em torno do termo moderno decorre de seu uso inadequado. Moderno não é bem uma época; não é uma era, uma idade. Moderno é uma forma de vida integrada sempre ao presente; moderno é o presente, a contemporaneidade que une o indivíduo ao seu instante; é, enfim, seguir *pari passu* a instantaneidade do hodierno. Por isso, moderno será sempre todos os presentes. E isso é bem diferente de futuro. Entre os primatas, o primeiro que deixou a roupagem de símio para trás foi moderno em relação aos seus contemporâneos. Homero, os poetas japoneses cultivadores do *haikai*, os filósofos chineses de eras ancestrais, alguns pensadores da Idade Média (Guilherme de Occam, por exemplo), os românticos ingleses, alemães, Byron, Percy, Shelley, Camões, Cervantes, os *jongleurs* provençais, San Francisco de Assis e tantos outros personagens foram modernos para os seus tempos e ainda continuam modernos porque estão presentes.

Revolução e moda.

Por outro lado, o Moderno, a Modernidade, a moda e o novo foram em diversos momentos associados à revolução. A revolução foi propagada no campo social (Revolução Francesa, Russa), religioso (Reforma), moral (calvinismo, Cromwell), individual (existencialismo), industrial (inglesa). Falou-se em revolução de costumes (movimento ou geração *beat*), de revolução *pop* dos Beatles, revolução copernicana, galileana, revolução pedagógica, até em revolução espiritual (teologia da libertação), em revolução feminina, em revolução sexual, em revolução dos bichos (George Orwell), em revolução das plantas, da terra, dos homossexuais, cibernética e, por último, em revolução da informática. Não há mais nenhuma revolução a ser feita. Nada mais precisa ser revolucionado. Nada mais precisa de mudanças violentas. O homem está acostumado com tudo. Nada mais o espanta. *Nihil*.

A revolução nasceu como filha pródiga e acabou como mãe de todos os males, a panacéia, a cura de todos os venenos. A revolução finalmente converteu-se em religião. Todas as revoluções deram origem a padre e a fanáticos. Existem tantos fanáticos por Beatles (Ironicamente John Lennon foi

morto por um fanático de uma seita denominada *Beatlemania*.) como por Buda, ou pelo Papa. Existe tanto um fanático por computador como aquele que crê que tudo se resolve ou pela educação, ou pela Gramática, ou pela Lingüística, ou pela Literatura Comparada, ou que tudo acabará em um mundo homossexual, ou andrógino ou feminista ou mesmo machista. Como dizia Diderot, do fanatismo para a barbárie há apenas meio passo.

Atualmente, não se necessita mais de nenhum tipo de revolução. Nada mais causa tanto espanto para a humanidade, para o homem atual. Pode-se dizer que agora vivemos plenamente aquela serena e atualíssima sentença terenciana que diz *Homo sum: humani nihil a me alienum puto* (Sou homem: nada do que é humano reputo alheio a mim). Nada precisa passar por uma transformação tão grande, assustadora, que se chama Revolução. A era das revoluções acabou. Todos os tipos de mudanças foram efetivadas. Tudo passou pelo crivo da revolução.

Tudo foi absolvido pela moda. Houve um tempo que era moda ser marxista, ser homossexual, ser feminista, ser *hippie*, ser *yuppie*, ser ateu, ser católico. Houve um tempo em que se saiu à rua (maio de 68 francês) para mudar costumes, para assimilar idéias (Marcuse), e isso foi quase uma revolução, mas em um segundo momento tornou-se moda. Sartre virou artigo de primeira nas livrarias, Beauvoir – sempre a seu lado – também, o existencialismo se tornou uma moda chique, uma moda de intelectuais, e as crises existenciais que preconizavam uma grande revolução acabaram lotando consultórios psicanalíticos que moldaram uma outra moda: Freud, Lacan, Jung. A teoria da relatividade também virou moda: uma foto de Einstein com a língua para fora tornou-se um ícone clássico da moda, pois simbolizava o gênio, o intelectual, o iluminado.

Tudo que passou por uma revolução tornou-se moda. Tudo que mudou se homogeneizou. A moda mediou todas as diferenças, compôs todo um mundo. A moda tornou realidade aquilo que a revolução buscava homogeneizar: um público, um povo, uma civilização, uma idéia. Um exemplo clássico se deu com a Revolução Russa e seus principais responsáveis: o bolchevismo (aliás, este momento pode ser considerado como o auge da Sociologia) tornou-se padrão para todo verdadeiro intelectual revolucionário. Qualquer militante tinha de ler *O que fazer* e não poderia dar nem um passo adiante ou para trás sem ver antes se estava ou não na moda.

A revolução conseguiu, em muitos casos, uma homogeneidade. Houve um tempo em que, para ser jovem, era necessário ter os cabelos longos, grandes medalhões, não tomar banhos e andar com os lemas *paz* e *amor* na ponta da língua. Houve também uma época em que era obrigatório gostar dos Beatles, pois se não se gostasse não era normal. Houve uma época em que o intelectual precisava apreciar futebol, outra em que tinha de gostar dos índios (auge da Antropologia, cujo maior êxito da mídia/moda foi Sting); em outra, era preciso defender os russos e odiar os norte-americanos. Houve um momento em que se

tinha de ter dó dos intelectuais que fugiram das ditaduras de seus países. Outra em que se tinha de ter pena da América Latina. Outra em que se tinha de gostar da França. Enfim, a revolução homogeneizou muitos aspectos da realidade, criando a moda. A revolução, pode-se dizer, criou a moda e a publicidade.

Mas o homem hodierno não se assusta com mais nada humano. O homem atual deixa a moda descansar. Divulga, propagandeia, mas não quer mais revolucionar. O homem de hoje não é moderno – na acepção de temporalidade demarcada, como frisamos –, o homem de hoje é pós-revolucionário. Ele não acredita em quase nada, apenas vê televisão. Ele acredita na instantaneidade e sabe que a multifacética realidade, neste instante, só pode passar pela televisão.

O homem pós-revolucionário e a televisão

A televisão nunca quis e nunca fez nenhuma revolução. Ela simplesmente trouxe para o homem a riqueza do mundo icônico, das imagens. Na televisão, o homem sonha acordado. Ele aprende, chora, reage, aceita tudo que passa pela telinha sem ter de fazer muito esforço. A letargia física, muscular, cerebral que a televisão permite é compensada pelo dinamismo das imagens, pelos *flashes*, pelas tantas informações por segundo.

Com a televisão, o homem se torna deidade; há uma homogeneidade de um lado (que passa pelo tubo catódico) plasmada em uma outra homogeneidade formada pelos espectadores. Essas pessoas que compõem o público televisivo se tornam individualmente deuses ao dispor de tudo aquilo que permite aquela sobreposição de homogeneidades. O homem catódico é o revés do Robinson Crusó marxiano: a individualidade marxista não existe, é uma abstração; no composto homem-televisão, ela existe, mas sua ontologização está na não-visibilidade da persona, no não-aparecer. O homem televisivo, pós-revolucionário, é um homem invisível, não visível, não tem cheiro, não tem cor: é inócuo e inodoro e não presume do futuro, vive, apenas, do adeus às utopias.

Por isso que aguerridos católicos, evangélicos e utópicos, não-catódicos, das diversas famílias detestam tanto a televisão. Eles ainda estão imersos em uma revolução que homogeneizou, ditatorizou uma idéia, elevando-a ao universal. Diante da televisão, essa tirania de idéias ou de costumes torna-se vã poeira. A televisão é a metáfora maior da imensidão e da pequenez humana. E, se por um lado, o homem pós-revolucionário pode parecer um idiota, torna-se, por outro, mais generoso, compreensivo, porque sabe que tudo, tudo nesta vida passa pela balança da aceitação, ou da rejeição, do querer e do poder e que seu vizinho invisível no outro extremo

acaba sabendo tanto quanto ele, e que seu vizinho é ao mesmo tempo, simultaneamente, tão parecido e tão diferente dele.

Uma exemplificação de uma coisa pretensamente inútil: a propaganda pós-revolucionária da *Calça Levis* na televisão espanhola. Leitura plurissignificacional icônica do inútil.

Uma paisagem em preto e branco. Uma família de pioneiros americanos, puritanos ao parecer. O pai, a mãe, duas filhas. Nenhum varão. Apenas um homem e três mulheres ao som de uma música amena. Estamos ainda no terreno da imagem campestre em preto e branco, em uma espécie de idílio atualizado.

De repente, a música passa para um *rock-and-roll*. Torna-se a própria mensagem. O ritmo e volume da música progredem de forma coordenadas. As duas jovens ouvem, ou *sentem*, aquela música e acorrem em direção a um pequeno riacho em busca de sua origem. O auge da progressão dessa música se dá com o aparecimento de um rapaz, um jovem, um musageta, uma espécie de inspiração pós-vanguarda.

Nesse momento, alguns *flashes* emitem uma espécie de índice, um signo que, partindo do referente, diz alguma coisa em relação ao objeto: as jovens encontram uma calça e olham para o rapaz no riacho (uma delas segue adiante, a outra emite um olhar de reprovação e fica em dúvida se vai ou não adiante); o rapaz aparece desnudo – a água em que ele está submerso deixa o leitor-icônico subliminarmente (ou como boa poesia: ambigualmente) no terreno de uma certeza antecipada, devido ao signo indicial; do outro lado do eixo significacional, o velho, o pai, aparece com um rosto convulsionado pela dúvida.

Temos aí, como na cena final do filme *Casablanca*, a dúvida icônica. Tudo está temporariamente – em décimos de segundo – paralisado, e tem-se uma série de indícios, mas não se sabe ainda o que ocorrerá. É nessa altura que o rapaz sai, para o espanto (ou não espanto), vestido, somente da cintura para baixo. Parece que a censura sempre deixa da cintura para cima livre, nua, liberada (Como esquecer Elvis Presley da cintura para cima?).

Muito bem; aquilo que se estava esperando se frustra: o rapaz aparece vestido justamente naquela parte que se esperava estar desnuda. E, no final, aquela parte que não parecia tão curiosa (da cintura para cima) permanece nua. Em uma leitura literal, poder-se-ia dizer que nada ocorreu. A parte que se pensava estar nua ao fim das contas estava vestida, e a outra parte que estava nua permanece nua. Mas esta é apenas uma leitura. Para ser mais exato, é a primeira leitura que, por sinal, por um paradoxo do signo indicial, se pré-julga através de certas marcas de certos índices, caindo, portanto, em um conservadorismo, em um pré-conceito.

Entretanto, em uma leitura mais atenta, onde se busca fugir das redes indiciais, vislumbra-se um outro fenômeno. Uma espécie de desenho de Escher, onde se pode perceber sub-repticiamente, subliminarmente outro universo, outra paisagem, outro acontecimento.

Nessa outra leitura, talvez, o rapaz estivesse desnudo, e as calças que a mocinha encontrou eram realmente suas calças, e os olhos da garota, talvez os nossos – ainda meio conservadores – não quiseram aceitar o *ipso facto*: a transgressão efetivada pela imagem televisiva, ou seja, o que se viu, e se vivenciou, a todo momento, na televisão, na propaganda, não são os índices do objeto representado pelo signo. Foi o signo propriamente dito, ou seja, vimos e vivenciamos, sem querer – melhor sem sequer ver –, a nudez masculina.

A propaganda ainda induz a uma outra leitura. Uma inversão: no final, é um velho que aparece, com uma aparência inquisidora, vestido, no lago, talvez, à procura de sua calça. Nesse caso, uma ilação metonímica remeteria ao velho desnudo e ao jovem, como mostra a imagem, realmente vestido. Portanto, quem estava vestido e quem estava nu? Ou quem finge vestir e quem *finje* estar desnudo? É o que a cultura, a moral, faz com nosso olhar.

Nesse simples, mas bem feito e criativo comercial para televisão, além da leitura plurissignificacional – palimpsesto aquático – proposta por uma leitura semiótica, através do signo indicial, pode-se vislumbrar, também, os aspectos psicanalíticos contidos nas figuras filha-pai-jovem (ou nos binômios velho/jovem-marido, ou opositor do pai).

Tem-se de realçar que essa multileitura pode ser efetivada em algo considerado tão banal, *caixa de tonterias* (como ouvi de alguém) que é tão injustamente malquista por tantos jovens, tantas pessoas – pretensamente – modernas: a televisão.

Portanto, diante de tantas asneiras que dizem ou que propõem alguns intelectuais profundos, defensores de livros que nunca leram, só espero uma coisa: que a televisão não se intelectualize e que planos, como os de García Márquez, de fazer uma televisão útil (= planificada, planejada a partir de uma idéia pré-concebida de uma pessoa, ou de várias ou de uma seita) fracasse.

Décio Pignatari, um dos criadores da poesia concreta, em um artigo escrito na década de 70, observou que as crianças espanholas no período do governo franquista fugiam das salas quando estava no ar a programação oficial – planificada, planejada – das redes de televisão e que só retornavam nos intervalos, nas propagandas, porque era a parte de que mais gostavam. Ali estava a verdadeira televisão. Se os pais ouvissem mais os filhos, muitas coisas bestas seriam evitadas!

A televisão enquanto programação deve conter, principalmente, o inútil, como a verdadeira poesia contém, como o Dadaísmo propunha. Se a vida fosse feita de pelo menos 25% de coisas úteis, creio que seria uma grande monotonia, algo como um paraíso entediante, e nossos sonhos, paixões, tantas coisas inúteis

(Acredito que a vida contenha mais de 75% de coisas inúteis.) seria um enorme e eterno *tedium vitae*.

A ditatorização do utilitário, da utilidade pode servir apenas ao pragmatismo, a uma revolução, a uma homogeneização de uma idéia de uma pessoa. A televisão nunca poderá ser homogênea porque é composta por incontáveis idéias espalhadas em centenas de canais. Ela deve conter programas culturais, mas também *reality show*, programas do tipo *Como cuidar do seu cachorrinho*, besteiróis de todo tipo. A vida é paixão: lírica e violência. É uma espécie de hipocrisia intelectual condenar, conservadoramente, a televisão.

Edgar Allan Poe, esse genial precursor da modernidade, demonstrou sempre uma argúcia, um conhecimento que apontava para os ecos do futuro. O poeta norte-americano costumava criticar algumas idéias retrógradas cunhadas com o pretenso cenho de intelectualidade e brilhantismo dizendo que *os milhares de intelectuais profundos falharam, primeiro porque eram intelectuais, segundo porque eram profundos, terceiro porque eram milhares, tendo sido assim a ineficácia do intelectualismo e da profundidade multiplicada por mil.*

RICARDO ARAÚJO é professor da Universidade de Brasília.